NEGÓCIOS EM REDE

Suplemento comercial. Faz parte integrante do Jornal de Negócios nº 3903, de 2 de Janeiro de 2019, e não pode ser vendido separadamente.

NOVAS DOENÇAS E PRAGAS NA FLORESTA

INVASORES Globalização dos mercados e trocas comerciais longínquas tornam o território mais vulnerável

PERIGO Vespa asiática e nemátodo do pinheiro ameaçam valor da cadeia

As pragas e as doenças florestais são, em geral, causa de uma enorme perda de produtividade e de declínio da floresta portuguesa.

A nova conjuntura comercial global viabilizou a chegada de ameaças como a vespa velutina ou asiática e o nemátodo do pinheiro ao território nacional, mas os efeitos nefastos destes inimigos naturais são potenciados pelos incêndios florestais e pela falta de uma gestão adequada e mais profissional para este território singular.

Se, por um lado, os desequilíbrios biológicos provocam perdas económicas significativas, este tipo de invasões é considerado a segunda maior causa da perda de biodiversidade a nível global, a seguir à destruição do habitat. Sendo espécies novas, os ecossistemas não estão preparados para as combater, pois não existe m nos novos territórios predadores eficazes para as combater e, por isso, tornam-se altamente destrutivas.

INCÊNDIOS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS POTENCIAM RISCOS DE PRAGAS

Se a isto acrescentarmos o cenário de alterações climáticas – que no caso de Portugal facilitam não só os incêndios como também as migrações naturais de espécies para novas regiões –, percebe-se facilmente que tais problemas só podem ser travados com uma cooperação eficaz entre as várias entidades que tutelam a floresta, as instituições de investigação (na procura de novas e urgentes soluções) e, claro, as associações florestais, que estão mais próximas dos produtores e que mais eficazmente podem transmitir-lhes conhecimento e apoio técnico. ●

PRESIDENTE DA FORESTIS – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL FALA NO ÂMBITO DO PRÉMIO NACIONAL DE AGRICULTURA

LUÍS BRAGA DA CRUZ

"O maior prejuízo é o do produtor florestal"

Luís Braga da Cruz diz que é preciso atuar em todo o território e em outros sistemas lorestais

INÊS GOMES LOURENÇO

NEMÁTODO DO PINHEIRO Verme ataca toda a faixa litoral, onde o pinheiro bravo está mais presente, mas também outras resinosas
CONSEQUÊNCIAS Toda a cadeia de valor no setor da produção de madeira é afetada

A doença da murchidão do pinheiro propaga-se através do nemátodo da madeira do pinheiro (bursaphelenchus xylophilus), um ser vivo microscópico, que tipicamente não mede mais de um milímetro de comprimento e que vive nos canais de resina e nos vasos que transportam a água. Uma vez no interior da árvore, o nemátodo pode bloquear rapidamente o movimento ascendente de líquidos, levando à morte da árvore.

Os nemátodos conseguem movimentar-se no tecido vascular da árvore, mas para se deslocarem de árvore em árvore necessitam de um inseto vetor, que em Portugal é o escaravelho longicórneo.

– Portugal teve o primeiro foco da doença transmitida pelo nemátodo em 1998. A que se deve esta nova ameaça?

– Essencialmente à globalização dos mercados e à exportação que trouxeram novas pragas e doenças.

– Como se reconhece o nemátodo da madeira do pinheiro (NMP)?

– O diagnóstico só é possível através de análise laboratorial de amostras de serrim da árvore. Para despistar a sua ocorrência é essencial que os proprietários florestais tenham serviços de aconselhamento técnico de proximidade através das suas associações florestais. Estas organizações relacionam-se com técnicos especialistas que podem ajudar a perceber se a sintomatologia corresponde ou não à presença do nemátodo.

– Além do pinheiro, que espécies são mais suscetíveis?

– Além do pinheiro bravo, são suscetíveis outras resinosas como o Cedrus e a Pseudotsuga.

– O que provoca nas árvores?

– A sintomatologia é semelhante à que resulta da ação de outros agentes bióticos e/ou abióticos. As árvores apresentam-se debilitadas e enfraquecidas, com a copa seca ou a secar total ou parcialmente, e apresentam agulhas descoloradas. No limite, ficam tão fragilizadas que podem entrar em declínio e morrem.

– São elevados os prejuízos?

– Não há informação oficial dos prejuízos causados, contudo, dada a dimensão da área afetada, pode dizer-se que o prejuízo é elevadíssimo, principalmente na perspetiva do produtor florestal que vê o seu património desvalorizado e com custos acrescidos de exploração, devido às obrigações legais associadas à destruição dos sobrantes resultantes dos cortes e às condicionantes técnicas e legais a que estão sujeitas as operações silvícolas (destruição de sobrantes), acrescem os custos de logística, encaminhamento da madeira para sítios autorizados e tratamento da mesma. Além disso, toda a cadeia de valor é afetada.

– O setor está preocupado?

– Mais do que preocupação é preciso um plano operacional efetivo que chegue ao terreno. O Fundo Florestal, com o atual Secretário de Estado, lançou recentemente um concurso para financiar algumas ações de monitorização da fitossanidade na floresta. A Forestis está envolvida mas entende que nem o modelo, nem as verbas destinadas a cada uma das pragas e doenças são os mais adequados. Precisamos que na política pública para a floresta se estabeleçam contratos-programa plurianuais com as associações florestais para que estas possam de forma continuada e sustentável dar apoio aos produtores. Temos tentado fazê-lo mas não temos meios para chegar a todos. As 30 associações florestais, que associamos, tentam trabalhar em estreita colaboração com investigadores de universidades e do INIAV, mas é preciso trazer a investigação aplicada a todas as partes do território e a todos os sistemas florestais. ●

"NO LIMITE, AS ÁRVORES FICAM TÃO FRAGILIZADAS QUE PODEM ENTRAR EM DECLÍNIO E MORRER"

"O DIAGNÓSTICO SÓ É POSSÍVEL ATRAVÉS DE ANÁLISES LABORATORIAIS DE AMOSTRAS DE SERRIM"

MARIJOINE ALVES

Corte de árvores em consequência da praga do nemátodo do pinheiro

"O PRODUTOR FLORESTAL NÃO TEM TIDO APOIO NEM ACESSO A UMA REDE TÉCNICA GRATUITA"

"TODA A CADEIA PERDE VALOR PORQUE A MADEIRA É PIOR E, ALÉM DISSO, AUMENTA A IMPORTAÇÃO"

ANTÓNIO FONTAINHAS FERNANDES

"Invasores podem atingir nível de praga"

CICLO O reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e membro do júri do Prémio Nacional de Agricultura explica como a vespa velutina chegou e como pode ameaçar toda a Península Ibérica

Entrou em Portugal pelo porto de Viana do Castelo há menos de uma década e já ameaça boa parte da atividade agrícola no País.

– A agricultura enfrenta atualmente novas ameaças incluindo novas pragas e doenças?

– A título de exemplo, pode-se referir a vespa asiática e o nemátodo do pinheiro. No primeiro caso, trata-se da vespa velutina nigrithorax, originária do Sudeste Asiático, enquanto o nemátodo afeta o género pinus (pinheiros), casos do pinheiro bravo e manso. Invasores deste tipo são a segunda causa da perda de biodiversidade a nível global, a seguir à destruição do habitat. Contudo, migrações naturais de espécies para novas regiões também têm vindo a ser observadas em função das alterações climáticas. Sendo espécies novas, os ecossistemas não estão preparados para as receber, não tendo um equilibrado número de agentes auxiliares como parasitoides e predadores, e como tal, estas espécies invasoras rapidamente atingem nível de praga.

– Que perigos representa a vespa asiática?

– A vespa pode ter ação sobre colónias das abelhas, causando elevada mortalidade em colónias no inverno, a nível da população de polinizadores e, consequentemente, afetar a produção de frutos que dependem da mesma. Podem ainda causar mortes humanas, em resultado de ataques ocasionados pela descoberta de ninhos.

– Estamos preparados para lidar com a situação?

– Na atualidade, o conhecimento está mais difundido. Contudo, quando se depararem com esta situação, é fundamental que os proprietários comuniquem a sua localização à autarquia, para dar seguimento à destruição dos ninhos.

– Como se distribui pelo País?

– Julga-se que entrou na Europa através da França, importada da China. Em Portugal a via de entrada foi o porto de Viana do Castelo, através de madeira originária de Bordéus. Atendendo ao exemplo de França, os investigadores da área preveem que possa difundir-se por toda a Península Ibérica. ●

TIAGO SOUSA DIAS

António Fontainhas Fernandes é reitor da UTAD e vive em Vila Real

"MIGRAÇÕES NATURAIS TÊM VINDO A SER OBSERVADAS EM FUNÇÃO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS"

"SENDO ESPÉCIES NOVAS, OS ECOSSISTEMAS NÃO ESTÃO DE TODO PREPARADOS PARA AS RECEBER"

DIREITOS RESERVADOS

Ninho de vespa velutina

JOÃO FERREIRA DO AMARAL

PEDRO CATARINO

O professor e economista é membro do júri do Prémio Nacional de Agricultura

"Ameaças com consequências económicas"

INVESTIMENTO Riscos e ameaças entravam a aposta no setor e o desenvolvimento da floresta

O economista João Ferreira do Amaral realça o impacto económico das pragas e das doenças da floresta.

–Qual o peso da floresta na economia portuguesa?

O valor económico da floresta pode ser aferido, de forma tradicional, pelo impacto no PIB, no saldo da balança comercial e no emprego. O setor florestal contribui com cerca de 1,8% para o PIB português e com 9% a 10% para o total das exportações. As produções deste setor têm um elevado valor acrescentado nacional, isto é, não necessitam, para se realizarem, de muitas importações, sejam diretas ou indiretas. Por exemplo, por cada 100 euros exportados pelo setor, 70 dão origem a valor acrescentado no nosso país. Do ponto de vista do emprego, o setor contribui com cerca de 90 mil postos de trabalho, ou seja cerca de 2% da população empregada. Mas a floresta tem um outro valor económico que tem que ver com os serviços ambientais que presta e que decorrem das suas caraterísticas de sumidouro de carbono, sendo essencial para o cumprimento do objetivo nacional de atingir a neutralidade carbónica em 2050.

– De que forma as ameaças à floresta afetam a economia?

– Têm consequência económicas muito negativas, não só porque afetam o setor da silvicultura, mas também todos os setores a jusante, ou seja, todas as atividades de base florestal que têm a importância que mencionámos atrás. Por outro lado, as pragas, doenças e incêndios, em particular, aumentam o risco para o investimento no setor, o que é um obstáculo ao são desenvolvimento da floresta. E não podemos esquecer que diminuem a sua capacidade de prestar serviço ambiental. ●

"O SETOR FLORESTAL CONTRIBUI COM CERCA DE 1,8% DO PIB E 9% A 10% DO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES"

"CERCA DE 2% DA POPULAÇÃO ATIVA EM PORTUGAL TRABALHA NAS FLORESTAS"

AMEAÇAS PARA A FLORESTA PORTUGUESA

PRAGAS E INSETOS INVASORES

A vespa-asiática ou velutina e o nemátodo do pinheiro são duas espécies exóticas que chegaram a Portugal através de mercadoria contaminada proveniente de importações, há poucos anos. Desde então, tornaram-se pragas que estão atualmente a ameaçar a saúde e o valor das florestas portuguesas

NEMÁTODO DO PINHEIRO

3.
As árvores fracas ou mortas atraem a fêmea do inseto, que aí faz a postura. Daqui, partem para outras árvores

O nemátodo surgiu inicialmente na península de Setúbal, mas já foi encontrado também na zona Centro e na zona fronteiriça. Leva à morte dos pinheiros

1.
Escaravelhos alimentam-se nos raminhos e rebentos de árvores adultas, arrastando estados juvenis do nemátodo, que penetram por estas fendas

2.
O nemátodo ataca o sistema de circulação da árvore, enfraquecendo-a e tornando-a mais suscetível ao ataque de outras pragas. Coloniza rapidamente os vasos do xilema (sistema circulatório da árvore), bloqueando o seu funcionamento, o que provoca a morte da árvore

VESPA-ASIÁTICA

3,5 cm
de comprimento

ABELHA

1,5 cm
de comprimento

A VESPA VELUTINA OU ASIÁTICA pode matar mais de 30 abelhas por minuto. Se um grupo de 4 ou 5 entrar numa colmeia, pode matar milhares em apenas uma hora. A espécie é perigosa para o ser humano, se avistar um ninho não tente removê-lo. Informe as autoridades competentes

OS NINHOS
É importante reconhecer os ninhos das vespas. Têm forma redonda, e são construídos em árvores altas, tanto em zonas rurais como urbanas. Podem atingir 1 metro de altura e 80 centímetros de diâmetro e albergam até 2000 insetos. A parede exterior parece feita de folhas de papel sobrepostas